

O Globo

17/5/1984

GUARIBA

Um dia de tensão e muitos confrontos, mas sem violência

GUARIBA, SP — Foi um dia agitado e tenso: pela manhã, os cortadores de cana de Guariba, que no dia anterior destruíram prédios, veículos e saquearam um supermercado, em choques que provocaram a morte de uma pessoa e ferimentos em outras 30, decidiram manter greve até segunda-feira. Apesar de os patrões terem concordado em mudar o sistema de corte de cana de sete para cinco ruas, eles aguardam resposta para mais 19 reivindicações.

O Comando de Greve, montando com representantes dos bairros, reuniu-se no Sindicato dos Trabalhadores, indiferente ao enterro do metalúrgico Amaral Vaz Meloni, morto no dia anterior com um tiro na cabeça. Cerca de 500 pese soas, entre amigos, familiares e curiosos, acompanharam, pouco depois do meio-dia, seu sepultamento no cemitério local.

A Polícia Militar, que desde cedo manteve um aparato ostensivo no centro da cidade, passou todo o dia dissolvendo grupos de trabalhadores, no centro e nas saídas de Guariba, para evitar o que todos temiam: o confronto entre polícia e cortadores junto às balanças de entrada de cana das usinas, que os cortadores insistem em paralisar.

Os caminhões que conseguiam deixar a cidade, após revista e retirada de armas, facões e pedaços de pau, eram interceptados por bloqueios de manifestantes, ao longo da estrada. A Polícia Militar chegou até a usar bomba de gás lacrimogêneo para impedir que trabalhadores tomassem conta da entrada da cidade, mas a dissolução dos piquetes sempre foi tranqüila.

Na cidade tudo funcionou pela metade: a água, que ficou sob suspeita de estar envenenada, voltou a ser distribuída depois do almoço, com a garantia da Sabesp de que reservatórios e rede haviam sido limpos. Nas escolas as aulas foram normais, mas poucos pais se animaram a deixar que os filhos saíssem. Nos quarteirões do centro comercial, apenas algumas lojas e bares abriram.

O clima de medo se estendeu para cidades da região: em Pradópolis, o comércio pelo segundo dia fechou por meia hora; em Barrinha, no período da tarde, os boatos davam conta de que os cortadores de Guariba estavam para chegar a qualquer momento para fazer outro quebra-quebra.

OUTROS PEDIDOS

Os usineiros concordaram em mudar o sistema de corte de cana de sete para cinco ruas, mas na assembléia, realizada ontem pela manhã no Estádio Municipal Domingo Baldam cerca de três mil cortadores de cana insistiram em manter a greve até segunda-feira.

Os cortadores pedem, além do sistema de cinco ruas, a mudança do sistema de pagamento de tonelada para metro cortado. Reivindicam uma nota a cada final de jornada de trabalho indicando quanto produziu e quanto deverá ganhar, condução com banco fixo, guardas altas e proibição do transporte de ferramenta.

Querem também que todo o final de safra e entressafra não sejam obrigados a assinar outro contrato, e por isso exigem estabilidade de um ano. No caso de acidente de trabalho, pedem que o patrão pague a diferença entre o que recebem do Funrural e o salário médio. Querem que a ida e vinda do trabalho sejam computadas como hora extra, e reivindicam a eleição de um fiscal do trabalhador para acompanhar a medição.

O Coordenador estadual da Comissão Pastoral da Terra, padre José Domingos Bragheto, que é de Jaboticabal, chegou ontem à cidade disse que a explosão de Guariba é uma consequência: "Isto aqui é um barril de pólvora permanente".

(Página 8)